

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO - LICENCIATURA EM ARTES

O USO DA COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NA EDUCAÇÃO

Orientanda: Giovanna Domeniconi Bueno

Orientadora: Profa. Dra. Stela Regina Fischer

RESUMO

O artigo aqui apresentado se estrutura na Educação Libertadora, de Paulo Freire e no livro *Comunicação Não Violenta* (2006), de Marshall Rosenberg. Tem como principal objetivo propor uma reflexão teórica sobre as potencialidades do uso da Comunicação Não-Violenta (CNV) na docência, através de duas ferramentas pedagógicas: os Círculos de Cultura de Freire e o Jogo GROK. A pesquisa busca considerar quais aprendizagens essenciais podem ser trabalhadas através da ótica da CNV e do uso dessas ferramentas no Ensino Básico.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Não Violenta; Educação Libertadora; Círculos de Cultura; Paulo Freire; Jogo GROK.

ABSTRACT:

The here presented article structures itself in the Education for Liberation, by Paulo Freire and in the book *Nonviolent Communication* (2006), by Marshall Rosenberg. Its main goal is to propose a theoretical reflection upon the capacities of Nonviolent Communication (NVC) in teaching through two pedagogical tools: Freire's Culture Circles and the game GROK. The research seeks to ponder over which essential learning competencies can be developed through the perspective of the NVC and the use of these tools in Basic Education.

KEYWORDS: Nonviolent Communication; Education for Liberation; Culture Circles; Paulo Freire; Game GROK

AS DIRETRIZES DA PESQUISA

Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão teórico-crítica sobre a Comunicação Não-Violenta (CNV) e suas possíveis aplicações na prática docente para o Ensino Básico. A partir da análise bibliográfica, o recorte aqui escolhido se guia através de dois procedimentos: os Círculos de Cultura de Paulo Freire¹ e o Jogo GROK², criado especificamente para trabalhar aspectos da CNV de forma lúdica.

O trabalho se orienta mediante os seguintes questionamentos sobre o potencial da CNV em sala de aula: que tipo de aprendizagem pode ser desenvolvida a partir da CNV? Quais aspectos da CNV podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar? Quais as possibilidades de exploração dos procedimentos escolhidos como ferramentas pedagógicas na Educação Básica?

Assim, a pesquisa se distende em quatro principais eixos: os princípios, objetivos e o funcionamento da CNV; a relação entre as raízes da pedagogia freireana - em específico a Educação Libertadora - e da CNV; a reflexão sobre as possíveis aplicações da CNV através dos Círculos de Cultura de Freire e, por fim, através do Jogo GROK. A hipótese sobre o uso desses procedimentos como ferramentas educacionais é de que eles tenham grande potência para trabalhar as chamadas “competências socioemocionais”³ por terem bases na empatia e construção coletiva e democrática de conhecimento.

¹ Os Círculos de Cultura de Paulo Freire são parte de uma metodologia criada pelo educador (Paulo Freire) que teve início durante um programa de alfabetização de adultos, nos anos 60, em um centro de cultura em Recife. Tem como princípios o diálogo e a construção coletiva de conhecimentos entre os participantes.

² O Jogo GROK se baseia na Comunicação Não-Violenta, de Marshall Rosenberg e se trata de um jogo de cartas, com 70 cartas com sentimentos e 70 cartas com necessidades comuns aos seres humanos. Através do jogo é possível exercitar habilidades relacionadas a empatia e comunicação.

³ As competências socioemocionais são aprendizagens diretamente ligadas às habilidades sociais e emocionais do educando, envolvendo, por exemplo, a capacidade de lidar com emoções, trabalhar em grupos e perceber o outro. São consideradas aprendizagens essenciais pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), documento que tem como objetivo definir e unificar as aprendizagens fundamentais a todos os estudantes da Educação Básica.

O desenvolvimento das competências socioemocionais é fundamental para que educandos se tornem independentes, aprendam a solucionar problemas por si só e envolvam-se socialmente. Portanto, é fundamental, também, que os educadores revisitem a sua prática regularmente para garantir e incentivar o desenvolvimento da autonomia do educando.

A prática docente requer um olhar cuidadoso e constante para si própria, para que se mantenha sempre em movimento, em paralelo com o caminhar social, cultural e histórico. Paulo Freire, em abril de 1981, durante um debate com professores mineiros, afirma que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (GADOTTI, 1991, p. 84).

Dessa forma, uma docência que não pretende se manter estática, tem a tarefa de revisitar suas raízes, reinventar-se constantemente e, assim, propor soluções que vão de encontro à formação integral do educando como agente transformador da sociedade. É com esse intuito, de transformação social, que a pesquisa aqui apresentada busca e reflete sobre metodologias não-violentas e dialógicas.

A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA ENQUANTO CONCEITO

A Comunicação Não-Violenta (CNV), é uma forma de comunicação com bases na empatia, atenção e solução de conflitos, fundada por Marshall Rosenberg. Em seu livro *Comunicação Não-Violenta* (2006), o autor aborda a CNV como uma maneira de atender às necessidades de todos os indivíduos participantes de determinada conversa, considerando quatro componentes como essenciais para tal:

1. Observação da situação-problema;
2. Identificação de sentimentos quanto à situação;

3. Conexão dos sentimentos às necessidades pessoais;
4. Formulação de um pedido específico para solucionar a questão.

Sua utilização implica em descrever a situação-problema de maneira objetiva, identificar os sentimentos que emergem com a mesma, associar necessidades dos indivíduos presentes a esses sentimentos e, então, propor uma solução para suprir essas necessidades. A utilização dos componentes colabora para que as respostas automáticas sejam reestruturadas, alterando o modo como são desenvolvidas as conversas ao trazer o foco para as necessidades dos envolvidos.

Rosenberg propõe a utilização dos componentes para formular frases, e utiliza a seguinte explicação para organizá-los:

Uma mãe poderia expressar essas três coisas (referindo-se aos primeiros três componentes) ao filho adolescente dizendo, por exemplo: “Roberto, quando eu vejo duas bolas de meias sujas debaixo da mesinha e mais três perto da TV, fico irritada porque preciso de mais ordem no espaço que usamos em comum”. (ROSENBERG, 2006, p. 25)

A observação da situação e expressão dos sentimentos e necessidades deve então ser seguida de um pedido. Assim, Rosenberg sugere que a formulação do pedido seja a seguinte: (...) “Você poderia colocar suas meias no seu quarto ou na lavadora?” (ROSENBERG, 2006, p.25)

À primeira vista os componentes da CNV são de simples incorporação no dia-a-dia, no entanto, ao mergulharmos profundamente em cada um deles, perceberemos que exigem que questões fundamentais sejam consideradas para sua efetividade. Primeiramente, como fazer uma observação não-avaliativa de uma situação-problema?

Rosenberg aborda essa questão quando explica que, ao observar sem avaliar, o indivíduo em questão busca evitar generalizações ou juízos de valor, que contribuem para a violência muitas vezes imperceptível na comunicação cotidiana. Uma avaliação ou ponto de vista, todavia, são bem-vindos quando é explícito que são opiniões pessoais de quem fala, através de palavras como “eu acho”.

Outro ponto abordado pelo autor - que se refere à identificação de sentimentos - é a importância de diferenciá-los, também, de julgamentos de valor a respeito das ações de outras pessoas. Um exemplo de palavra que é utilizada para expressar sentimento, mas se trata de uma avaliação, é a seguinte: “Sinto-me *insignificante* para as pessoas com quem trabalho” (Rosenberg, 2006, p. 70).

Ao utilizar a palavra “insignificante”, o sujeito não está descrevendo uma emoção ou expressando como se sente, mas sim explicando como acredita que é visto pelas pessoas com quem trabalha. Diversos adjetivos regularmente usados para expressar sentimentos acabam contribuindo para que a mensagem a ser transmitida seja recebida com hesitação ou de maneira defensiva, por ser vista como uma crítica.

Quando aborda as necessidades comuns aos seres humanos, o autor também discute pontos essenciais para a compreensão desse componente, apresentando-nos necessidades que vão além das físicas, como alimento, abrigo, expressão sexual ou descanso. Rosenberg defende que é a partir do momento em que as pessoas começam a discutir sobre suas necessidades, que as possibilidades de as atender aumentam (2006, p. 86).

Dentre as necessidades compartilhadas por todos os seres humanos, algumas são: a necessidade de autonomia, de celebração, de lazer e de segurança emocional. Após experienciar os três primeiros componentes, sem avaliar, culpar, criticar ou analisar os envolvidos, o autor sugere que seja feito um pedido para a solução da questão-problema.

Esse momento também conta com suas especificidades, dentre elas, a importância de evitar pedidos abstratos ou vagos para que a comunicação seja objetiva e eficaz. Além disso, é importante que esteja nítida a diferença entre um pedido e uma exigência, de forma que a possibilidade de que o pedido não venha a ser atendido deve ser considerada, o que pode levar a mais discussões que busquem encontrar um “meio-termo” agradável a todos os envolvidos.

Ao considerar as especificidades dentro de cada componente, discussões a respeito de problemas são facilitadas, pois ocorrem, simultaneamente, a expressão direta e honesta dos sentimentos a respeito da situação, o apontamento das necessidades que não estão sendo atendidas e, por fim, o enfoque no que pode ser feito para solucionar a questão. Esse tipo de comunicação torna possível que os envolvidos encontrem coletivamente uma solução satisfatória, ao mesmo tempo em que trocam uma atenção respeitosa e empática.

Embora a CNV não tenha sido criada para a aplicação específica em sala de aula ou uso na prática docente, muitos procedimentos pedagógicos utilizam as mesmas bases, como por exemplo a identificação de sentimentos abordada em inúmeros livros infantis⁴ ou a atenção trabalhada por jogos teatrais⁵. Assim, os seus componentes e suas particularidades são adaptáveis e podem construir diferentes dinâmicas com diferentes propósitos em sala de aula.

A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NA DOCÊNCIA E NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

De acordo com a teoria da Educação Libertadora, de Paulo Freire, a interação entre o educando e sua realidade social é o ponto de partida para se

⁴ A temática de sentimentos é bastante comum nos livros infantis, segue alguns poucos exemplos para nortear o leitor que tenha interesse em descobrir mais: Pedro vira Porco-Espinho, de Janaina Tokitaka; O Monstro das Cores, por Anna Llenas; A Raiva, de Blandina Franco, entre outros.

⁵ Mais informações sobre jogos teatrais em: SPOLIN Viola. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2012.

pensar o processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1967). Essa perspectiva educacional propõe que, a medida em que os educandos constroem essas interações e se apropriam da realidade concreta, tornam-se intelectual, social e emocionalmente independentes, e, assim, possíveis agentes de transformação.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor.” (FREIRE, 1967, p. 43)

Compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo⁶ é uma das bases da Educação Libertadora que tem como objetivo principal levar o educando do pensamento alienante à consciência crítica (FREIRE, 1996). Ao desenvolver a criticidade do educando, que compreende seu próprio potencial como membro da sociedade, este se torna capaz de transformá-la.

A educação como prática libertadora constrói, em conjunto com o educando, autonomia de pensamento e ação, a partir da tomada de decisão responsável. Essa responsabilidade é social e política, e é desenvolvida ao passo que o sujeito deixa de reproduzir ideologias alienantes.

Ainda sob as lentes da Educação Libertadora, o diálogo horizontal⁷ é fundamental para a apropriação da realidade e criação dos vínculos entre os educandos e o objeto de estudo, pois abre espaço para questionamentos e considerações por parte dos mesmos.

Tendo em mente a importância do diálogo dentro da pedagogia freireana, a CNV pode ser uma grande aliada no processo de ensino-aprendizagem, por ter

⁶ Referência ao subcapítulo 3.3 do livro Pedagogia da Autonomia (1996), de Paulo Freire: “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 96)

⁷ Ao pesquisar mais sobre, descobri que a comunicação horizontal se trata de uma estratégia de comunicação inicialmente empresarial que busca ultrapassar diferenças hierárquicas no ambiente de trabalho. Pode, no entanto, ser aplicada em outras situações onde há desigualdade de poder.

como finalidade criar ambientes que favoreçam interações enriquecedoras. Assim, proponho uma divisão do uso da CNV em duas formas de aplicação: a aplicação pelo exemplo e a aplicação pela metodologia prática.

A aplicação da CNV pelo exemplo ocorre na utilização de seus quatro componentes para comunicação num geral, corporificando as palavras pelo exemplo⁸ através da adoção da CNV como hábito. Utilizar a CNV dessa forma é o que propõe o livro de Rosenberg, todavia, sem o foco específico na prática docente ou esfera educacional.

O uso da CNV como metodologia prática, então, implica em aplicar sua estrutura fragmentada para trabalhar os componentes individualmente, em sala de aula, trabalhando, por exemplo, a identificação de sentimentos através de um projeto artístico ou a solução de problemas através de um debate.

Tendo em mente que o processo de ensino-aprendizagem não é uma mera transmissão de conhecimento de uma parte para outra, e sim uma dinâmica complexa de apropriação e estruturação desse conhecimento, o diálogo se mostra de grande auxílio no processo. Considero que, ao abrir espaço para a troca horizontal de conhecimento, estimula-se a expressão, encoraja-se a solução de problemas e se incentiva, também, a interação social entre os educandos.

Noto que a aplicação da CNV na Educação Básica, quando pensada através das competências socioemocionais, pode ocorrer de inúmeras formas: pode-se pensar em jogos que auxiliem na identificação de sentimentos, pode-se discutir as necessidades comuns aos seres humanos em discussões sobre questões sociais, ou, até mesmo, na solução de conflitos e demandas dentro da esfera escolar. Abordar a CNV de maneira dinâmica também é uma maneira de

⁸ Referência ao subitem 1.6 “Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo” de Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, onde o autor afirma que, para ensinar uma maneira de se pensar, o “pensar certo” (que é o pensamento crítico, social e político), o educador deve “fazer o certo”, dando corpo ao seu discurso através de ações coerentes (FREIRE, ano, p.35).

manter a aprendizagem ativa⁹, estimulando os próprios educandos a estruturarem o conhecimento coletivamente.

Para formar sujeitos preparados para exercer a cidadania e conscientes de suas responsabilidades e seus direitos sociais, é importante que o diálogo não-violento esteja presente na caixa de ferramentas desses sujeitos. Ter experiências dialógicas em sala de aula é um preparo para lidar com demandas do mundo extraescolar que exigem autonomia, responsabilidade e empatia.

CÍRCULOS DE CULTURA

Os Círculos de Cultura de Freire têm início nos anos 60, em um centro de cultura em Recife (PE), chamado Centro de Cultura Dona Olegarinha¹⁰, cujos alguns dos objetivos eram promover e incentivar a educação de crianças e adultos, proporcionar a elevação cultural da população e atender à principal finalidade da educação, que é o desenvolvimento integral do ser humano. Os Círculos de Cultura fizeram parte de diversas ações ministradas no local, dentre elas cursos de costura, de alfabetização, salas de cinema e esportes.

Foi a partir dessas ações e, principalmente do curso de alfabetização de adultos que surgiu o “Método”¹¹ Paulo Freire, incluindo o Círculo de Cultura como ferramenta de ensino-aprendizagem. Esta metodologia consiste em adaptar o conteúdo ensinado ao universo do educando e ministrar esse conteúdo de forma a construir, em conjunto com o mesmo, uma consciência social e política.

⁹ A aprendizagem ativa é uma metodologia que transforma o educador como transmissor de conhecimento em um orientador de estudos e o educando receptor de informações em protagonista da construção do conhecimento, através de atividades que desenvolvam as habilidades de sintetizar, contextualizar, problematizar, analisar, entre outras. (SILVA, 2013).

¹⁰ Em sua tese “Círculo de Cultura: perspectiva histórica e perspectivas epistemológicas”, de 2009, Andrea R. B. Marinho adentra mais a fundo nos objetivos, na estruturação e nas dinâmicas do Centro de Cultura Dona Olegarinha.

¹¹ De acordo com Freire, “O que tentei fazer e continuo hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou de dialética da prática educativa, dentro da qual, necessariamente, há uma certa metodologia, um método, que eu prefiro dizer que é método de conhecer e não método de ensinar” (FREIRE apud MARINHO, 2009, p. 30)

A sistematização do “Método” Paulo Freire foi pensada para a alfabetização e coordenada a partir de três momentos e cinco fases (MARINHO, 2009). Os três momentos do processo educativo consistem em: investigar a temática e o vocabulário dos educandos através de entrevistas individuais; selecionar os temas e palavras pelos quais serão pensados os conteúdos e, por fim, a discussão e problematização das temáticas, a fim de incentivar o pensamento crítico.

Esses três momentos são fundamentais para a consolidação das fases do processo, pois estas dependem, em grande parte, da construção coletiva de conhecimento a partir do universo dos educandos. A primeira fase se trata de uma avaliação inicial do grupo, uma aproximação entre educador e educando para levantamento das especificidades do grupo. Já na segunda fase, são selecionadas as palavras a serem trabalhadas com base nesse universo particular dos alunos.

Na terceira fase, são analisadas e discutidas situações-problema e questões comuns aos envolvidos, como, por exemplo, a falta de saneamento básico da região específica dos educandos. A quarta fase consiste em uma elaboração de pequenos roteiros para auxiliar os coordenadores¹² do debate. E, por fim, na quinta fase, ocorre a produção de material como cartazes ou fichas com a decomposição das famílias fonêmicas das palavras anteriormente escolhidas, como mostram as imagens abaixo:



¹² A função de coordenador é exercida por um educando diferente a cada Círculo de Cultura, este tem como objetivo manter a discussão fluindo. Mais à frente, nessa pesquisa, são abordados os papéis do coordenador e o funcionamento das discussões.



Imagens 1, 2, 3, 4, 5 e 6 – Bases para os slides de um trabalho de alfabetização de adultos utilizando o método Paulo Freire, 1964. (legenda abaixo das imagens.)
Fonte: Acervo Paulo Freire.

A partir desse processo utilizado na alfabetização de adultos é que surgiu o Círculo de Cultura, cuja dinâmica se dá pela organização em círculo de até 25 participantes para discussão de um tema central. Entre os participantes há um coordenador, que é preferencialmente, um educando, cuja função é contribuir para o avanço da conversa sem fazer imposições ou tomar o lugar de detentor do conhecimento.



Imagem 7 – Nômades em Círculo de Cultura no Quênia, 1975. Fonte: Acervo Paulo Freire.

O objetivo do coordenador é auxiliar na dinâmica do grupo, assim “O coordenador, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, “a de coordenar, jamais influir ou impor.” (FREIRE, apud GOMEZ, 2014, p. 2). Dessa forma, o coordenador tende a incentivar o diálogo horizontal durante a discussão.

Nos Círculos de Cultura podem ser discutidas questões educativas, conteúdos escolares ou até mesmo problemas pertencentes a um grupo específico como, por exemplo, frequentadores de uma escola municipal que buscam refletir sobre a qualidade da educação oferecida. Todos os participantes têm a liberdade de contribuir com a discussão, indicando diferentes faces da questão, levantando hipóteses e propondo soluções democraticamente.

Os Círculos de Cultura são precisamente isso: centros em que o povo discute os seus problemas, mas também em que se organizam e planificam ações concretas, de interesse coletivo. (FREIRE, apud GOMEZ, 2014, p. 2)



Imagem 8 – Experiência de alfabetização em Angicos (RN), 1963.

Fonte: Acervo Paulo Freire

Tendo como base a discussão de assuntos de interesse coletivo para construção de ações e conhecimento dentro do grupo afetado, os Círculos de Cultura de Freire têm ligação direta com a Comunicação Não-Violenta, principalmente quando utilizados para solucionar problemáticas sociais.

GROK THE WORLD!

O Jogo GROK é um facilitador para o processo de ensino-aprendizagem da Comunicação Não-Violenta e foi criado em 2005 por Jean Morrison, psicóloga e Christine King, professora. Criado com o objetivo de ser um suporte na comunicação empática. Ambas tiveram seus próprios projetos que contemplam a CNV antes de produzirem a plataforma virtual *GROK the World!*¹³, dentre eles um programa de Alternativas à Violência na Prisão Estatal de San Quentin, coordenado por Morrison.

Em 2002, Morrison e King fundaram o Centro de Comunicação Não-Violenta Santa Cruz¹⁴, na Califórnia (EUA), e trabalharam para criar ferramentas

¹³ A plataforma virtual (www.groktheworld.com) dá acesso a diversas informações sobre a CNV, além de conter todos os jogos criados pelas fundadoras, serviços, eventos, blogs e vídeos, e funciona como um ponto de partida para difusão de conhecimento e estratégias da Comunicação Não-Violenta.

¹⁴ No Brasil também há um Centro de Comunicação Não-Violenta, chamado Instituto CNV Brasil. No site do Instituto é possível encontrar cursos, materiais e informações sobre o uso da CNV nas

para o ensino-aprendizagem da CNV. Na plataforma virtual é possível encontrar diversos outros jogos sobre a CNV, livros e um manual para facilitadores professores, com 150 exercícios e atividades para desenvolver a CNV em ambiente escolar.

De acordo com Morrison, a “Comunicação Não-Violenta abriga um espaço para todas as minhas paixões, fornecendo a percepção, a intenção e a clareza para entender o mundo e ser uma agente de mudança” (Morrison, Jean, plataforma virtual Grok The World, tradução minha). A CNV, então, além de uma forma de solucionar questões do universo particular de cada um, é abordada pelas

fundadoras da plataforma GROK como um conhecimento que auxilia na compreensão e na transformação do mundo.



Imagem 8 – Partes do jogo GROK: a caixa do jogo (acima), o manual (no centro), as cartas de sentimentos (à esquerda) e as de necessidades (à direita).

Fonte: www.grokttheworld.com

O nome GROK, de acordo com as idealizadoras, se refere a uma palavra do romance de ficção-científica de Robert Heinlein, *Stranger in a Strange Land*¹⁵. GROK, no romance, é uma palavra do idioma marciano criado pelo autor, significando “beber”, ou, metaforicamente, “absorver tudo”, o que simboliza uma compreensão total e completa e faz referência à comunicação sincera e objetiva da CNV.

escolas, para empresas e em projetos sociais, contando inclusive com cinco vídeos sobre a CNV nas escolas, que fazem parte de um filme dinamarquês produzido pela Associação LIVKOM.

¹⁵ Tradução literal minha: Estranho em uma Terra Estranha.

O jogo de 2005 conta com 70 cartas com sentimentos, 70 cartas com necessidades e um manual com 20 formas de jogar. O jogo é revendido em português por uma empresa chamada Colibri, que também oferece outros materiais sobre a CNV. Os jogos adaptados para Educação Infantil, para Facili-



Fotografia 4 – Cartas do jogo GROK, com as respectivas necessidades: descanso, luto, propósito, apoio, harmonia, respeito, confiança, escolha, ordem, amor, equidade e celebração.

Fonte: www.colabcolibri.com.br

tadores e Educadores e o manual de exercícios, no entanto, só são encontrados na plataforma virtual GROK the World!¹⁶

A base do jogo é a mesma em todas as adaptações, pois vem diretamente da Comunicação Não-Violenta de Rosenberg, assim, é possível utilizá-lo de diferentes formas ou em conjunto com outras ferramentas pedagógicas a depender do grupo que irá jogar. Pensando na prática docente, é importante que seja uma ferramenta com tamanha adaptabilidade, pois as necessidades e competências dos educandos variam muito em diferentes etapas da Ed. Básica.

Utilizar o GROK de maneira coletiva para discussões sobre questões específicas do universo dos educandos pode ser uma forma excepcional de desenvolver a habilidade de se expressar, a capacidade de ouvir e, principalmente, trabalhar o pensamento crítico de forma empática, considerando as necessidades e sentimentos dos envolvidos. Além disso, o jogo encoraja o educador a utilizar uma comunicação horizontal com a classe ao incentivar que o mesmo também expresse suas emoções e necessidades, humanizando a relação entre professor e aluno.

Uma das formas de jogar é em dinâmicas circulares, ao refletir sobre situações específicas experienciadas ou a serem discutidas pelo grupo, de modo

¹⁶ Há também uma plataforma virtual em português, com inspirações e diferentes formas de jogar, em www.jogogrok.com.

que os participantes podem associar sentimentos à situação e pensar sobre quais necessidades, atendidas ou não, levaram a esses sentimentos. Ao passar por esse processo, os educandos têm a oportunidade de se expressar, conectar-se com seus próprios sentimentos e dos colegas, compreender as necessidades individuais e do grupo e então, coletivamente, buscar uma solução para a questão.

Esse tipo de dinâmica pode ser proposto tanto para pensar questões intraescolares como para refletir sobre dilemas extraescolares e, assim, encorajar o pensamento crítico sobre a sociedade e impulsionar o desenvolvimento dos educandos em sua totalidade, como cidadãos.

Outra forma de utilizar o jogo, com crianças da Educação Infantil por exemplo, pode ser em processos de criação das regras de sala, quando o educador pode utilizar as cartas adaptadas com ilustrações para iniciar uma discussão sobre os sentimentos e as necessidades individuais ou coletivos por trás das regras. Assim, o jogo age como um facilitador no processo de ensino-aprendizagem, intrínseco aos conteúdos escolares, do desenvolvimento socioemocional do educando.

Assim, acredito que a abordagem lúdica da CNV apresentada pelo GROK é uma grande aliada no processo de ensino-aprendizagem, pois abre portas para a construção ativa de conhecimento, sendo uma ferramenta muito adaptável e contribuindo para a interação social entre os educandos.

CONCLUSÃO

Iniciei minha pesquisa refletindo sobre o uso da CNV na corporeificação pelo exemplo, ou seja, como uma atitude adotada pelo educador para interagir com os educandos, colegas de profissão e outras pessoas ao seu redor. Todavia, conforme a pesquisa foi se alongando e tomando forma, percebi que essa abordagem não se trata exclusivamente de uma metodologia pedagógica, e sim de um princípio pessoal do educador.

Considero que a adoção da CNV como hábito e a sua utilização como metodologia prática sejam complementares, por serem uma união entre a aprendizagem pelo exemplo e a aprendizagem ativa, dessa forma, colocando o educando no centro da reestruturação do conhecimento e da linguagem. É importante que o educador tenha uma ação condizente com os valores que encoraja em sala de aula, todavia, o exemplo, sozinho, não engloba todas as necessidades da formação integral do educando.

Dessa maneira, também é essencial que o educador, em sua formação, seja familiarizado com diferentes metodologias não-violentas. Acredito que o contato do educador com estratégias dialógicas durante sua formação seja essencial para atingir o objetivo final da escolaridade, que é formar cidadãos em sua plenitude.

Assim, apesar de concordar com a adoção da CNV como valor pessoal, passei a concentrar minha atenção em possíveis metodologias de aplicação concreta dos componentes da CNV, levando em conta a *estruturação de conhecimento coletiva, dialógica, ativa e crítica* para a formação integral do educando. Essa perspectiva me levou a considerar que em seu livro, Rosenberg não nos oferece pistas sobre a metodologia utilizada nas conversas que menciona, apesar de nos apresentar modelos de construção de frases e conversação com a CNV.

A partir dessa compreensão, concluí que o Círculo de Cultura traz uma nova dimensão do diálogo não-violento, capaz de preencher essa lacuna. Essa dimensão é, justamente, a metodologia como são discutidos os assuntos de interesse coletivo. Dessa forma, acredito que em momentos de reivindicações coletivas e de estruturação grupal de conhecimento na esfera escolar, a organização dos educandos em Círculos de Cultura nos apresenta uma solução concreta para pensar essas dinâmicas. Isso por sua adaptabilidade e por suas bases na comunicação horizontal, assim como a CNV e o Jogo GROK.

Em sala de aula, o Círculo de Cultura pode ser adaptado para englobar as habilidades, competências e necessidades educacionais de cada divisão da Educação Básica (Educação Infantil, Fund. I, Fund. II e Ensino Médio) e suas respectivas disciplinas. Dessa forma, o educador pode adaptar a dinâmica conforme a faixa etária dos educandos, no caso do Círculo de Cultura, por exemplo, ao exercer a função do mediador, ter maior presença nas discussões ou propor uma pré-seleção de temas a serem discutidos em aula.

Uma das hipóteses averiguadas nessa pesquisa a respeito do uso da Comunicação Não-Violenta em conjunção com os Círculos de Cultura é de que eles possam potencializar o desenvolvimento das competências socioemocionais. Isso, pois envolvem tanto a construção do pensamento crítico e a pluralidade dialógica presentes nas discussões coletivas, quanto a expressão, a identificação de sentimentos e a capacidade de solucionar problemas oferecida pela CNV. Essa potencialização é maior ainda ao incluirmos o GROK na equação, pois este nos apresenta um aspecto lúdico e particular dessa estratégia pedagógica.

O Jogo GROK, quando aplicado em conjunto com os Círculos de Cultura, oferece ao educador a oportunidade de introduzir a brincadeira à educação formal. Esse complemento lúdico é essencial principalmente na Educação Infantil, visto que, nessa fase da Educação Básica, o aprender e o brincar se encontram, muitas vezes, intrínsecos. Nesse caso, o educador age como um facilitador ao fazer uma pré-seleção das cartas a serem utilizadas no momento de preparação da aula.

Na Educação Infantil, os educandos já são capazes de reconhecer seus próprios sentimentos e estão aprendendo a perceber o outro¹⁷. Nessa etapa educativa, os Círculos de Cultura podem assistir em processos coletivos de construção das regras da sala, compartilhamento de experiências pessoais ou desenvolvimento do foco da atenção no outro. Considero que o processo de organização em círculo também seja um importante momento para que os educandos conquistem autonomia ao passo que vão compreendendo a dinâmica.

¹⁷ O subitem “O eu, o outro e o nós”, da Base Nacional Curricular Comum (2018, p. 40), traz mais informações a importância de ampliar essa percepção na Educação Infantil.

No Ensino Fundamental I e II, quando os educandos já têm a capacidade de se organizarem sozinhos, pode ser momento oportuno para iniciar a nomeação de um mediador durante a dinâmica, fortalecendo a prática da tomada de decisões e do compartilhamento de experiências de forma democrática. Nessa fase, os educandos também possuem a capacidade de sugerir temas para discussão ou diferentes formas de utilizar o jogo minimizando a necessidade uma pré-seleção de cartas e, assim, contribuindo para o aumento de seu vocabulário emocional.

Dessa forma, pode-se desenvolver diversas habilidades, como a identificação de sentimentos, a capacidade de solucionar problemas e/ou a aptidão para tomar decisões responsáveis, que fazem parte das chamadas competências socioemocionais. Estas giram em torno do exercício da empatia e desenvolvimento social do educando e são consideradas essenciais para formação plena do mesmo como cidadão.¹⁸

Portanto, concluo que o principal ponto da adaptação das estratégias conforme as faixas etárias e as disciplinas curriculares é a possibilidade de complexar progressivamente os assuntos discutidos, a organização coletiva e a própria construção do conhecimento para atender às expectativas e necessidades educacionais de cada grupo. Assim, do mesmo modo que os Círculos de Cultura podem ser utilizados para estruturar os conhecimentos dos conteúdos escolares específicos de cada faixa etária, também há a possibilidade de tratar dos problemas coletivos desses grupos. As questões específicas do grupo podem ser exploradas, inclusive, com o Jogo GROK, encorajando a expressão de emoções e identificação de necessidades do grupo e estimulando a comunicação honesta.

A ligação entre a Educação Libertadora de Paulo Freire e a Comunicação Não-Violenta de Marshall Rosenberg se dá justamente pela prioridade dada ao diálogo como método de construção e desconstrução do conhecimento, e é através desse ângulo que busquei refletir sobre as suas potencialidades. Acredito

¹⁸ No site da BNCC é possível encontrar as competências socioemocionais a serem desenvolvidas pela Educação Básica, inclusive e mais especificamente como caminho para prevenção do bullying, de acordo com a proposta da UNESCO para a Educação para o Século XXI. O link da página se encontra nas Referências Bibliográficas.

que, cada vez mais, a educação caminhe para trabalhar a autonomia do educando através de metodologias ativas e considero os Círculos de Cultura e o Jogo GROK excelentes ferramentas para garantir não só essa autonomia, como o pensamento crítico e social, que requerem a empatia, a capacidade de se engajar em debates e, principalmente, o conhecimento da realidade.

A Comunicação Não-Violenta vale-se como princípio para repensarmos o caminho para a atingir o propósito da educação que é a formação completa do educando: intelectual, emocional e de ação. Em comunhão com as ferramentas analisadas nesta pesquisa, creio que pensar no desenvolvimento dessas esferas é de suma importância para formação de cidadãos responsáveis para consigo e para com a sociedade. Tenho plena confiança de que o desenvolvimento dessas competências através das abordagens aqui examinadas possa ocorrer em todas as etapas da Educação Básica, por serem ferramentas extremamente adaptáveis.

Assim, encerro essa análise com a seguinte questão: após analisar e fazer ligações entre as ferramentas, após propor sugestões de aplicação e compreender a necessidade de desenvolver a esfera socioemocional dos educandos, qual o próximo passo para que estratégias coletivas, não-violentas e dialógicas sejam implementadas na esfera escolar? Considero que essa pesquisa tenha sido o início de uma caminhada bem mais longa dentro da minha jornada individual, e espero que ela possa contribuir, no coletivo, para a lapidação da prática docente daqueles que têm como foco a formação do educando como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 24 jun. 2020.

COIMBRA, Camila Lima; RICHTER, Leonice Matilde; VALENTE, Lúcia de Fátima. **O círculo de cultura como prática pedagógica no curso de pedagogia: uma experiência formativa**. São Paulo: VI Encontro Internacional do Fórum Paulo

Freire, set. 2008. Disponível em:
<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/4161>. Acesso em: 21 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Disponível em:
http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em 21 jul. 2020.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire - Pensamento e Ação no Magistério**. São Paulo: Editora Scipione, 2004. Disponível em:
<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/2778>. Acesso em 20 de agosto 2020.

GOMEZ, Margarita Victoria. **O Círculo de Cultura: Opção Teórico-metodológica na Educação**. In: XVII Endipe, livro 2. São Paulo. Disponível em:
<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/O%20CI%CC%81RCULO%20DE%20CULTURA%20OP%C3%87AO%20TE%20C3%93RICO-METODOL%20GICA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em 21 jul. 2020.

MARINHO, Andrea Rodrigues Barbosa. **Círculo de cultura: origem histórica e perspectivas epistemológicas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.48.2009.tde-24092009-155120. Disponível em:
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24092009-155120/pt-br.php>. Acesso em 21 jul. 2020.

OLIVEIRA, Otavio Lima. **Comunicação Não-Violenta como Ferramenta Pedagógica: Por uma Prática Docente Propositiva e Colaborativa**. In: Perspectiva Sociológica: A Revista de Professores de Sociologia, nº 24, 2019. Disponível em: <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/2265>. Acesso em 24 jun 2020.

ROSENBERG, Marshall B. (2006). Comunicação Não-Violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antonio Batista. **O Pensar Educação Em Paulo Freire: Para uma Pedagogia de mudanças**. 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2>. Acesso em 03 jul. 2020

SILVA, Salete. **Aprendizagem ativa**. Revista Educação - Editora Segmento, 15 jul. 2013. Disponível em:
<https://revistaeducacao.com.br/2013/07/15/aprendizagem-ativa/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SITES:

www.groktheworld.com

www.jogogrok.com

www.colabcolibri.com

www.basenacionalcomum.mec.gov/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-

www.protecao-a-saude-mental-e-ao-bullying

<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3440>

www.institutocnvb.com.br